



DISCURSO, GÊNERO E CORPO: EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO DE PESSOAS TRANSEXUAIS

Jomson Teixeira da Silva Valoz¹

Este texto constitui um recorte da pesquisa de estágio pós-doutoral intitulada “Discurso, gênero e corpo: efeitos de sentido no/do discurso de pessoas transexuais”, realizada na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O recorte extraído para esta análise foi orientado pelo macro objetivo de analisar os efeitos de sentido no discurso de sujeitos transexuais sobre suas próprias identidades de gênero. Propomo-nos, assim, a analisar como sujeitos transsexuais discursivizam suas experiências de transição, ressignificam seus corpos por meio de seus discursos - e pelos discursos do outro - e constroem suas identidades face às Formações Discursivas governadas por Formações Ideológicas que reafirmam a cis-heteronormatividade.

Conforme Cassana (2018), o corpo transexual se constitui como um corpo que não corresponde aos sentidos estabilizados de “homem” e “mulher”, desafiando esse binarismo. Tensionando a relação corpo, gênero e ideologia, pela mediação do discurso, colocamos em perspectiva o modo como o corpo transexual é discursivizado como um desvio em relação à ideologia cis-heteronormativa dominante. Essa ideologia impõe uma ordem binária e compulsória, na qual o corpo deve exibir uma harmonia “naturalizada” entre sexo biológico e identidade de gênero.

Para abordar relação entre corpo, gênero, discurso e ideologia, fazemos uma aproximação entre a Análise materialista do Discurso e as contribuições de Butler (2018). Pêcheux (1995, 1997) e Orlandi (2002, 2004, 2012, 2016) compreendem o discurso como uma prática atravessada pela ideologia e pela historicidade, e o sujeito como não autônomo em sua produção de sentido. Na perspectiva de Butler (2018), por sua vez, as identidades são constituídas e mantidas pela repetição de discursos e atos performativos que naturalizam certas identidades e tornam outras abjetas.

Dessa forma, este estudo contribui para questionar as regras cis-heteronormativas e para a discussão sobre o papel da linguagem na construção e ressignificação das identidades de gênero e do próprio sujeito, aqui entendido como efeito de linguagem, no qual não há significação pré-discursiva ou anterior ao funcionamento do discurso.

Dessa forma, consideramos, como ponto de partida, que a perspectiva materialista da Análise do Discurso constitui um dispositivo teórico-analítico que toma o discurso como seu objeto teórico. Esse objeto é entendido como efeito de sentido entre interlocutores, uma vez que, segundo Pêcheux (1997), o discurso

¹ Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas na linha de pesquisa Sujeito, História e Ideologia. Professor de Linguística da Universidade de Pernambuco, campus de Garanhuns. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade de Pernambuco. Email: jomson.silva@upe.br.



é sempre produzido a partir de condições de produção históricas e ideológicas, sendo uma mediação entre a fala e a língua, mas a partir de uma ordem própria.

Nessa perspectiva, o discurso comparece como mediação entre a ideologia e a língua, tendo em conta que a ideologia se materializa no discurso, e este, por sua vez, se materializa na língua através de um sujeito. Conforme Orlandi (2002), o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, produzindo efeitos de sentido da FI, em uma ou várias FDs.

A FD determina o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares num interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (Pêcheux e Fuchs, 1997, p. 166), e é por meio da identificação, contra-identificação ou desidentificação do sujeito com determinada FD que o sentido produz seus efeitos.

Tendo por pressuposto a noção de sujeito ideológico, assumimos que o corpo é a materialidade significativa, isto é, “o lugar material em que acontece a significação” (Orlandi, 2004), estando, portanto, discursivamente articulado com o sujeito e a ideologia. Por esta via, há uma refutação de um sujeito pré-discursivo e senhor de seu dizer. Para a Teoria de Gênero, especificamente, é impossível pensar uma essência naturalizada das categorias corpo, sexo e sujeito, pois para Butler (2018), elas são culturalmente construídas e produzidas através de discursos que assim materializam ideologias. Desse modo, Butler questiona a estabilidade binária do corpo e do gênero, ao afirmar que

a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimétrica entre gênero e sexo, no qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino tanto um corpo masculino como um feminino (Butler, 2018, p. 26, *italico nosso*).

Butler (2018), então, defende que os discursos dominantes tais quais os discursos médico, religioso, midiático, impõem uma matriz heterossexual de inteligibilidade, uma ordem compulsória de sexualidade e do gênero, que visa garantir a coerência entre sexo, gênero e desejo. Por sua vez, os corpos que se desviam dessa matriz de sentidos são discursivamente tomados como anormais ou patológicos, significam como abjetos.

Assim, propomos a articulação entre as teorias para analisar o corpo transexual não pela biologia, mas pelo modo como ele significa, ou seja, como ele produz efeitos de sentido internamente a um discurso situado tanto ideologicamente quanto historicamente, e como esse corpo põe em xeque a matriz ideológica que tenta silenciá-lo e enquadrá-lo dentro de normas estabelecidas por uma formação social que reproduz um já-dito sobre esse os corpos a partir de uma ideologia cis-heteronormativa, o que nos licencia colocar o corpo como objeto analítico e discursivo de investigação, como veremos no que se segue.

O corpo comparece neste estudo, uma vez que a Análise do Discurso nos permite provocar reflexões sobre materialidades que não se limitam ao fenômeno linguístico. Conforme Leandro-Ferreira (2011, p. 51), “o objeto a ser analisado é, então, o corpo tomado como materialidade discursiva que se



constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva”. Contudo, conforme Orlandi (2012), não devemos entender que a materialidade discursiva é o próprio corpo como se fosse o corpo, ele mesmo, passível de se apresentar como um corpus ou um dado coletado para pesquisa.

Pelo contrário, tomar o corpo para teorizar sobre ele na perspectiva materialista da Análise do Discurso, significa relacioná-lo à língua, ao sujeito e à ideologia, como proposto por Vinhas (2021), uma vez que é preciso entender como o corpo significa, ou seja, como ele produz efeitos sentido. Sobre isso, Leandro-Ferreira (2011, p. 95) afirma que “o objeto a ser analisado é o corpo tomado como materialidade discursiva que se constrói pelo discurso”. Nesse sentido, para Orlandi (2012), “a significação do corpo não pode ser pensada sem a materialidade do sujeito e vice-versa” (Orlandi, 2012, p. 83), e se questiona: “como juntar corpo, sujeito, sentido, pensando a questão da materialidade discursiva?” (Idem, ibidem).

Na compreensão de Pereira (2023), o sujeito comparece internamente aos estudos discursivos como “desnaturalizado e remetido ao campo do simbólico enquanto um processo de significação ideológico, materializado pelo discurso, no caso, pelas vias do corpo” (Pereira, 2023, p. 9). Assim, o processo de tomar o corpo como objeto de análise discursiva se dá através de sua formulação enquanto materialidade significativa, que produz efeitos de sentido no simbólico, quando se leva em conta a articulação entre corpo, sujeito, história e ideologia materializada no discurso. Nessa vertente, o corpo tanto pode produzir sentidos de resistência e de contestação quanto sentidos aliados às ideologias dominantes, razão pela qual entendemos que o corpo do sujeito transexual parece produzir efeitos de sentido que se inserem na primeira formulação.

Sendo assim, as Sequências Discursivas selecionadas para esta análise parte do objetivo de compreender como sujeitos transexuais discursivizam suas experiências de transição, significam seus corpos e produzem suas identidades a partir de FDs atravessadas pela cis-heteronormatividade. Observamos, nas duas sequências discursivas analisadas a seguir, como o discurso de sujeitos transexuais emerge no entrecruzamento de diferentes memórias discursivas e Formações Imaginárias, evidenciando tanto o peso da norma quanto os deslocamentos possíveis no interior do discurso.

Sequência Discursiva 1²:

“Sempre achei que tinha alguma coisa errada comigo, mas eu não sabia exatamente o que era. Vivia muito deprimido e tinha várias crises existenciais. Pensei que era homossexual e me assumi. Só que, mesmo no meio das lésbicas, eu não me sentia bem. Aos 21 anos, entendi por que eu tinha dificuldades tão grandes. Conheci o Leonardo Tenório, que é um transexual de Pernambuco. Quando eu conversei com ele, senti que era realmente naquilo que me encaixava.

² Essa Sequência Discursiva é a transcrição de uma entrevista com um homem transexual feita por **Ricardo Marchesan Do UOL**, em São Paulo em 03/03/2015 e disponível em <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2015/03/03/passei-por-mulher-para-entrar-na-pm-veja-relato-de-policia-transexual.htm>. Ressaltamos que foi a partir do trabalho de Cassana (2018) que chegamos aos recortes em análise, tanto na Sequência Discursiva 1 quanto na Sequência Discursiva 2. No referido trabalho, a autora analisa o mesmo *corpus* e, nossa análise, leva em conta as reflexões estabelecidas pela autora. Contudo, o gesto analítico que aqui operamos é realizado a partir de considerações próprias.



Mas as cirurgias eram muito caras e eu não teria o apoio dos meus pais, católicos fervorosos. Eu sabia que tinha de trilhar sozinho. Sabia que tinha de conseguir um emprego um pouco melhor. Tive muita sorte. Mesmo sem tomar hormônios, já tinha muitas características masculinas, como uma voz um pouco mais grossa. Fui fazendo minha transição com o que eu tinha em mãos, fui vestindo roupas masculinas. Mesmo sem tomar hormônios, ninguém me confundia mais com uma mulher. Desde criança eu queria entrar nas Forças Armadas ou na polícia. Tinha um tio de que eu gostava muito, e ele era policial rodoviário federal. Sempre ia na casa dele e o via fardado. Ele colocava o quepe na minha cabeça e eu saía correndo todo feliz. Queria muito ser igual a ele desde criança”.

Sequência Discursiva 2³:

“Para mim, eu estava fantasiada de menino até os nove anos. Nove anos com uma fantasia quente e pinicante.”

Na primeira Sequência Discursiva, o enunciado “sempre achei que tinha alguma coisa errada comigo” faz emergir o funcionamento da antecipação, tal como discutido por Orlandi. O sujeito já fala a partir do olhar do outro — o olhar religioso dos pais, o olhar médico que define a transexualidade como desvio, o olhar moral que regula a masculinidade. Assim, o sentimento de “erro” não é algo que nasce no indivíduo, mas efeito da interpelação ideológica que o produz como inadequado, pois

Falar em discurso é falar em condições de produção e, em relação a essas condições gostaríamos de destacar que, como exposto por Pêcheux (1979), são formações imaginárias e nessas formações contam a relação de forças (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a relação de sentido (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e outros) e a antecipação (a maneira como o locutor representa as representações de seus interlocutores e vice-versa) (Orlandi, 1996, p. 158).

A constituição de uma formação imaginária, ou seja, dessas relações de força, é evidente: o sujeito imagina-se como aquele que falha diante da norma, e essa imagem organiza toda a narrativa, levando-o a justificar-se - “tinha de trilhar sozinho”, “tive muita sorte” -, reinscrevendo-se também em uma formação meritocrática que exige esforço individual para conquistar legitimidade social.

Nesse mesmo relato, o desejo de ser policial “igual ao tio” demonstra como a masculinidade dominante constitui horizonte de identificação. O corpo transexual, para ganhar reconhecimento, precisa alinhar-se a um modelo de masculinidade já legitimado na formação imaginária social. Assim, o sujeito se vê interpelado a afirmar sua identidade no próprio espaço discursivo que historicamente o exclui. É nesse ponto que o interdiscurso, entendido como o conjunto de já-ditos, “como aquilo que fala antes, em outro lugar” (Orlandi, 2015, p. 29) e que atravessam o enunciado, se torna visível, tensionando o dizer e configurando uma rede de sentidos contraditórios que moldam a relação do sujeito com o próprio corpo.

Na segunda sequência discursiva, a metáfora “eu estava fantasiada de menino até os nove anos” condensa o funcionamento opressor da norma de gênero. A fantasia, descrita como “quente e pinicante”,

³ Kaz (2017) (ver nota 4).



materializa linguisticamente o desconforto e a violência simbólica de viver uma identidade imposta pelo outro. Aqui, o discurso retoma o já-dito da cis-heteronormatividade, que naturaliza comportamentos e papéis associados ao binarismo, mas o desloca criticamente. Em vez de o sujeito transexual ser entendido como alguém que está fingindo, é a própria norma que aparece como imposição performativa, produzindo a “fantasia” que recobre o corpo e o impede de significar-se, conforme destacado por Cassana (2018). Essa inversão mostra o efeito de resistência que atravessa a enunciação, pois ao relembrar sua infância a partir de seu lugar identitário atual, o sujeito reinscreve sentidos e reapropria-se simbolicamente da própria história.

A análise das sequências discursivas evidencia que os sentidos produzidos pelos sujeitos transexuais emergem de um espaço de tensão entre a interpelação pelas Formações Discursivas dominantes, marcadas pela cis-heteronormatividade, pelo discurso médico-patologizante e por moralidades religiosas, e os movimentos de resistência que se inscrevem no próprio dizer. Nas falas analisadas, os efeitos de sentido de inadequação, desvio e culpa não se originam de uma interioridade psicológica, mas da antecipação do olhar do outro, que opera como mecanismo regulador e constitui as formações imaginárias sobre o que é “ser homem”, “ser mulher” ou “ser normal”.

Tais formações imaginárias sustentam relações de força que posicionam o sujeito transexual sempre em uma zona de falta ou erro, exigindo justificção constante de seus gestos identitários. No entanto, ao reinscreverem suas histórias e seus corpos no discurso, esses sujeitos deslocam sentidos estabilizados, ressignificando imagens de si que antes eram produzidas exclusivamente pelo outro. Os relatos mostram que o corpo transexual, tomado como materialidade discursiva, significa no entrecruzamento de memórias sociais contraditórias, e que é justamente nesse entremeio que se abrem brechas para novos modos de existir.

Assim, as condições de produção dos dizeres, marcadas por discursos religiosos, médicos, familiares e institucionais, não apenas moldam o sofrimento e o silenciamento, mas também possibilitam movimentos de contestação simbólica. Os sujeitos analisados operam deslocamentos que interrogam o já-dito e desestabilizam a matriz de inteligibilidade que pretende regular sexo, gênero e desejo. Desse modo, os efeitos de sentido presentes nas sequências discursivas revelam que falar de si, para sujeitos transexuais, é também um ato político de reposicionamento, pois ao narrar suas experiências, eles rompem a fantasia normativa que lhes foi imposta, reinscrevem-se no discurso a partir de outras posições ideológicas e mostram que a identidade é sempre efeito histórico, ideológico e movente, nunca uma essência fixada pela norma.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.



CASSANA, M. F. Língua, discurso e gênero: uma análise em contraponto. **Travessias**, Cascavel, v. 12, n. 4, ed. esp., p. 55-68, 2018.

KAZ, Roberto. Retrato de uma menina: ser transgênero aos 11 anos de idade. **Revista Piauí**, edição 128, maio de 2017.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. O discurso do corpo. In: MITTMANN, S.; SANSEVERINO, A. (org.) **Trilhas de investigação**: a pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2011.

MARCHESAN, Ricardo. Optei pela identidade feminina para entrar na PM: veja relato de transexual. **Site Uol Economia**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2015/03/03/passei-por-mulher-para-entrar-na-pm-veja-relato-de-policia-transexual.htm>. Acesso em: 20 maio 2025.

ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. **Interpretação**: Autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ORLANDI, E. Nota introdutória à edição brasileira. In: CONEIN, B. *et al.* (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Trad. Eni P.Orlandi. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161. [Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969].

PÊCHEUX, M. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas . In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas . In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenzo Chacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, L. N. Quando a polissemia insiste em se inscrever: uma análise sobre corpo-e-sujeito transexual. **RUA**, v. 29, n. 1, - e-ISSN 2179-9911, jun. 2023. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>.

VINHAS, L. I. O corpo na análise de discurso: materialidade, lugar de enunciação, subjetividade. **Revista Língua & Literatura**, v. 23, n. 42, p. 143-163, jan./jun. 2021.